

# Política será o complicador de 2018

Diretor da consultoria IEG/FNP prevê ano conturbado, mas acredita que pecuária pode ir bem.



Fotos: Edgar Pera

**S**erá uma eleição “complicadíssima,” muito polarizada, e seus efeitos certamente atingirão a economia brasileira. Mas a pecuária, assim como o agronegócio como um todo, deverá sofrer menos do que outros setores. Essa é a síntese do que pensa José Vicente Ferraz, um dos mais experientes analistas de mercado da pecuária de corte nacional.

“Zé Vicente”, como é mais conhecido, está habituado a analisar situações que podem afetar empreendimentos no agronegócio. Ele é diretor técnico da consultoria IEG/FNP – a primeira sigla é a do grupo britânico IEG (Informa Economics Group), complexo global de informações profissionais que faz análises técnicas e econômicas de investimentos, setoriais, avaliações patrimoniais e pesquisa de mercado, entre outros trabalhos; e a segunda, da consultoria paulista da qual ele foi um dos fundadores, em 1989, e que foi incorporada pelo IEG, em 2005.

Formado engenheiro agrônomo pela Esalq-USP, de Piracicaba, com pós-graduação em administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo – na área de concentração em economia de empresas – ele carrega em seu currículo atuação em cargos de direção e gerência em empresas de grande porte, como o Grupo Bonfiglioli [Cica e Banco Auxiliar], além de ter sido consultor independente junto a importantes instituições públicas e privadas [foi integrante do Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores].

Tem uma posição crítica com relação ao governo atual – ao qual “falta autoridade moral” para fazer passar reformas como a da Previdência –, assim como considera que a concentração do poder econômico

nas mãos de poucas empresas tem sido causadora de mais problemas do que de soluções.

Além de atuar como consultor da IEG – os projetos agropecuários são realizados pela divisão de commodities (Informa Economics), que tem escritórios nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e Bélgica –, Zé Vicente é o responsável pela coordenação técnica de duas publicações que são referência para a agropecuária brasileira: os anuários Anualpec e Agriannual.

Veja, a seguir, os principais pontos da entrevista por ele concedida, no escritório da IEG/FNP, em São Paulo, ao editor-executivo de **DBO**, **Moacir José**.

**DBO** – Vou fazer uma pergunta relacionada ao seu artigo publicado na edição 2017 do Anuário DBO: você acha que os fatos como a Operação Carne Fraca, a volta da cobrança do Fimrural, as delações dos irmãos Batista e os problemas da JBS influenciarão o atual ciclo pecuário?

**José Vicente Ferraz** – Sim. Além desses eventos, no ano passado, as questões política e econômica do País tiveram um peso importante em termos de formação de preços, e o ciclo pecuário ficou em segundo plano; pois o preço passou a ser determinado por uma conjuntura excepcional. Mas não é fácil determinar o quanto cada fator desses o influenciou, até porque o ciclo de produção do boi é longo. É preciso ver até que ponto essas situações anormais vão ter continuidade. A operação Carne Fraca, por exemplo, já foi superada. Agora, há outras que podem continuar alterando a normalidade da situação. A política, por exemplo. Este é um ano de eleições. Dependendo do que acontecer, pode ter impacto nas perspectivas para a inflação, no câmbio, que é muito importante para as exportações...

**DBO** – Um real desvalorizado favorece as exportações...

**Ferraz** – Sim, mas ele pode se valorizar também. Se as pesquisas indicarem o favoritismo de um candidato bastante alinhado com ideias ortodoxas na área econômica, o câmbio pode cair.

**DBO** – O que seriam essas ideias ortodoxas?

**Ferraz** – Coisas do tipo mais austeridade fiscal, uma reforma mais profunda na Previdência... Nessa questão política, estou prevendo um ano extremamente volátil, porque deverá haver uma polarização mais intensa, que vai sinalizar linhas opostas. Não vai dar para fazer uma convergência, como aconteceu, por exemplo, na primeira vez em que o Lula foi eleito [2002], que também foi polarizada. Só que ali ele fez a tal da “Carta aos Brasileiros”, que acalmou o

mercado, e ele acabou ganhando a eleição.

**DBO** – E, depois, teve o apoio de muitos empresários...

**Ferraz** – Exatamente. Só que, hoje, ele perdeu essa condição. Porque vai ter de se apoiar numa militância que não vai aceitar que ele faça acordos com o “outro lado”. Se fizer, perde o apoio. [Esta edição seguiu para a gráfica em 23 de janeiro, um dia antes do julgamento do ex-presidente pela 8ª turma do Tribunal Regional Federal, de Porto Alegre, RS.]

**DBO** – Há quem acredite que o cenário de 2018 não vai mudar muito, porque as reformas do governo atual seguirão seu curso; problemas poderiam vir só em 2019. Concorde com essa avaliação?

**Ferraz** – Não. Na minha visão, quando você tem uma conturbação política muito grande, a economia do País fica vulnerável. A política atual do governo é tentar injetar dinheiro na economia – a liberação [das contas inativas] do FGTS, por exemplo -, porque percebeu que não haverá retomada de investimentos estrangeiros, que só virão – se vierem – no final de 2019, depois de os investidores saberem quem vai assumir e que linha vai adotar. Quando você tem, de um lado, um candidato que diz que vai estatizar tudo, fazer reforma agrária, etc... e, de outro, um que diz que vai privatizar tudo, a coisa fica complicada... O investidor estrangeiro vai esperar definir o quadro. Além da troca de acusações normais numa campanha, ainda vai ter Lava-Jato... Vai ser um “tiroteio”. Complicadíssimo!

**DBO** – Ou seja, não vai ser bom para o mercado da carne...

**Ferraz** – Não vai ser bom para a economia em geral. O quanto não vai ser bom é que não sabemos. Mas acho que o impacto será menor para o agro, que tem uma resistência muito maior. O mundo precisa da carne brasileira e isso ameniza a coisa, como ficou demonstrado no episódio da Operação Carne Fraca.

**DBO** – Como vê o fato de os governistas estarem jogando todas as fichas na questão da Reforma da Previdência?

**Ferraz** – O pessoal está fazendo barulho com essa questão porque sabe que se a reforma não for aprovada agora, só será mexida de novo em 2022... Porque os caras que vão disputar a eleição este ano vão ser contra. Se não forem, perdem a eleição! O cálculo político é que tem de aprovar agora, porque é um governo altamente impopular, que já está “queimado”. Agora, economicamente falando, [a reforma da Previdência] pode até ser uma medida necessária, mas é preciso ter autoridade moral para implantá-la, o que parece não ser o caso desse governo. Mais: eles não têm coragem de contar para a população que o problema todo está nas aposentadorias do serviço público, nas do setor rural, nas de gente que nunca contri-

buiu, nas de militar que vai ficar de fora da reforma...

**DBO** – E não se fala também da dívida monstruosa [estimada em R\$ 450 bilhões] das empresas privadas com o INSS...

**Ferraz** – Pois é. Ai, o pessoal fala “É, mas estão todas quebradas!” Pois, então, que se cobre das que não estão! Os bancos – que são os mais lucrativos do mundo – devem e não pagam. Tem que começar a cobrar.

**DBO** – Concorde com o argumento de que a pecuária será beneficiada em 2018 por fatores que aquecem a economia, como Copa do Mundo e as próprias eleições?

**Ferraz** – Sim. São atenuantes. Acho até que 2018 não deverá ser um ano tão ruim para a pecuária. Em termos reais, talvez até fiquem um pouco mais elevados do que em 2017.

**DBO** – Que indicadores você considera para afirmar isso?

**Ferraz** – O preço da arroba. Não houve [em 2017] nenhuma grande despencada, nenhuma grande disparada... Assim como não foi ruim o ano de 2016. Se a remuneração do pecuarista estiver num bom nível e cair um pouco isso não significa que está ruim. Aliás, em termos reais, a partir de 2007 o preço da arroba do boi mudou de patamar de oscilação [ver gráfico abaixo]. Ruim é quando o produtor de média tecnologia perde dinheiro.

**DBO** – E quem é o produtor de média tecnologia?

**Ferraz** – É o que tem algum nível de eficiência – produtividade razoável com custo competitivo. Não dá para dar um número, porque cada caso é um caso. E também não dá para fazer uma média, porque as situações são muito heterogêneas; tem particularidades imensas. Tem gente que ganha na escala, tem gente que ganha na tecnologia, na localização (terra barata)...

“ Investimentos estrangeiros só virão – se vierem – no fim de 2019, após se conhecer o que pretende fazer o candidato vencedor.

Historicamente, ainda bons anos (16 e 17) para a arroba do boi



Valores expressos em reais, região noroeste de SP; valor real desconta a inflação. Fonte: Informa Economics/FNP

**DBO** – *Dá para usar, por exemplo, a taxa interna de retorno, que, alguns anos atrás, você calculou em cerca de 2% para a pecuária?*

**Ferraz** – Melhorou um pouco. Sem incluir a valorização da terra, a pecuária daria hoje uma taxa de retorno entre 4,5 e 5%.

**DBO** – *Você acha que as exportações podem avançar mais este ano, a exemplo do que ocorreu em 2017 [14% em faturamento e 9% em quantidade]?*

**Ferraz** – Se aumentar a exportação, vai encarecer o produto no mercado interno. Por que a produção de carne para 2018 já está dada, pelo número de bezerras nascidos dois anos atrás.

**DBO** – *Isso implica dizer que a produção não está aumentando...*

**Ferraz** – Está aumentando pouco. Agora, o que é importante para o produtor é saber se a renda dele vai aumentar ou não. Na minha percepção, acho que, essencialmente, os preços vão ser parecidos com os praticados em 2017. Não deverá haver nem grandes altas nem grandes baixas. Também deverá ser um bom ano para as indústrias frigoríficas.

**DBO** – *Dados do Anualpec mostram que o consumo de carne vem caindo nos últimos anos – de 33 kg per capita em 2014 para 31,5 kg em 2017 [previsão]. Você acha que vai continuar caindo?*

**Ferraz** – Essa é a tendência, de elitização do consumo. E não é só no Brasil. Isso decorre da dificuldade muito maior de se produzir um boi do que um frango ou um porco.

**DBO** – *Mas como vai melhorar a situação da pecuária, se o consumo é decrescente?*

**Ferraz** – A hipótese é que a produção cresce lentamente e o consumo diminui, per capita, por que a população mundial continua crescendo. É mais gente, comendo menos. Isso explica as exportações estarem aumentando. E os preços também.

**DBO** – *Ou seja, o que importa é a produção continuar aumentando...*

**Ferraz** – Isso. Principalmente via ganhos de produtividade. Até porque a pecuária está perdendo área para a agricultura. Nesse sentido, se não houvessem crises, poderíamos continuar avançando bastante em fatores que promovem a melhoria da produtividade, na implantação de sistemas de integração lavoura-pecuária, de fazer uma série de coisas que são importantíssimas para manter a nossa competitividade, para manter a pujança do setor. Só que isso demanda investimento. E aí a gente volta para aquela questão da política...

**DBO** – *A pecuária nunca foi uma grande tomadora de recursos...*

**Ferraz** – Não se trata de crédito, mas de investimento, que, de alguns anos para cá, vem se tornando cada vez mais necessário. A modernização da pecuária tem exigido investimentos em maquinários, em gestão.

**DBO** – *E a concentração da indústria frigorífica? Muda alguma coisa com essa “balançada” da JBS?*

**Ferraz** – Ela já perdeu uma fatia de mercado, essencialmente, para a Marfrig e para o Minerva, e para alguns outros frigoríficos médios, que estão conseguindo captar mais matéria-prima. Talvez perca mais ainda, não sabemos; vai depender do que vier aí pela frente.

**DBO** – *Sempre se argumenta que ela só conseguiu chegar aonde chegou por causa da “política dos grandes campeões”, implantada no governo Lula...*

**Ferraz** – Concordo com isso em parte. Porque não se pode negar que os caras da JBS são muito eficientes. Prova disso é que foram para os EUA e deram um show; botaram o frigorífico lá em cima. Conhecem o mercado, sabem trabalhar. O erro não foi o BNDES ter ajudado a JBS, foi ter deixado o mercado na mão de dois ou três, quando deveria deixar na mão de cinco ou seis. Antes tinha isso: Friboi, Marfrig, Independência, Bertin... Para manter o mercado saudável, tem que ter concorrência.

**DBO** – *Nos Estados Unidos, três ou quatro grandes grupos dominam o setor também...*

**Ferraz** – É, mas não me cite os EUA como grande exemplo. A Disney acabou de comprar a Fox... Entramos numa questão filosófica do capitalismo: essa concentração é boa ou ruim? Eu só tenho visto problemas! No setor de mídia, nós não conseguimos vender uma página [de anúncio], porque está tudo concentrado! Executivos, pessoal de vendas, concentram tudo e mandam um monte de gente embora... Isso é vantagem? Outra coisa: quando você começa a eliminar a concorrência, deixa de gastar em pesquisa. Facilita a criação de cartéis. Veja o caso das empreiteiras. Tem cinco ou seis dominando; com dez já começaria a ficar mais complicado de combinar preço, dividir áreas onde cada uma vai atuar... Então, o capitalismo não funciona sem concorrência. Tem que ter briga pelo mercado.

**DBO** – *Briga tem, mas não está sendo travada com as armas mais adequadas. É isso?*

**Ferraz** – A concorrência obriga o sujeito a seguir a lei. O concorrente que se sentir lesado pode te acionar, te prejudicar, acabar com você. As sacanagens de mercado ocorrem quando não tem concorrência. Foi assim que os países ricos se desenvolveram, com a concorrência. E começaram a declinar quando começou essa história de megafusões. Isso para mim é um desastre! ■



“  
**A concentração é ruim porque afeta a concorrência, que é o motor do capitalismo.**